



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana  
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo  
ISSN 1809 - 709 X

## A psicanálise aplicada e as ideologias

### **Tania Coelho dos Santos**

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII (Paris, França)  
Professor Associado, nível IV no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/ UFRJ  
(Rio de Janeiro, Brasil)  
Pesquisadora do CNPQ nível 1 C (Brasil)  
Presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL  
(Rio de Janeiro, Brasil)  
Psicanalista Membro da École de La Cause Freudienne, da Escola Brasileira de Psicanálise e  
da Associação Mundial de Psicanálise  
Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (Brasil)  
E-mail: [taniacs@openlink.com.br](mailto:taniacs@openlink.com.br)

O Núcleo Sephora fez 15 anos de atividades. Fundado em 1999 para reunir em torno de um eixo de pesquisa comum, as pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado e pós-doutorado orientadas por mim, tornou-se em 2007 uma associação sem fins lucrativos. Algum tempo depois criamos o Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana. Em nosso Simpósio deste ano, perguntamos: Ideologia, você quer uma pra viver? Uma boa resenha do simpósio pode ser encontrada na seção Atualidades.

O eixo de nossa conversação foi a discussão sobre a prática psicanalítica no campo da educação diante dos sintomas das crianças e adolescentes, fruto de modelo educativo que não se baseia mais na autoridade de pais e mestres. Eu me pergunto: educar é uma missão impossível ou é uma ideologia caduca? A psicanálise precisa da educação? Freud a considerava um processo de pós-educação (*Nachlehren*). Ele aspirava que seu método de investigação do funcionamento psíquico pudesse ter efeitos de retificação sobre a educação defeituosa, quando ela limitava demais a pulsão e dificultava a sublimação. A resenha de Susana Sapir Sabá mostra a atualidade do tema da fobia infantil como resposta à omissão da função paterna. Eu me pergunto ainda: a educação dos psicanalistas precisa da universidade? O projeto de uma sociedade igualitária se apoia na universalização do acesso à educação. Mas ele vacila. Qual é o real em jogo? Enquanto analista, penso que a ideologia igualitária é um grande equívoco. A educação não leva à sua realização, ao contrário, acentua as diferenças, pois aparelha os mais aptos a vencer. Vivemos num impasse aparentemente sem solução. Apostar na meritocracia e acentuar as diferenças ou fomentar a igualdade de todos com todos e o nivelamento por baixo?

Lúcia Grossi dos Santos e Ilka Franco Ferrari, por sua vez, percorrem historicamente o conceito de psicanálise aplicada à terapêutica para pensar as condições de funcionamento de uma prática psicanalítica no contexto das clínicas universitárias. Nesta retomada histórica, privilegiam a discussão sobre a técnica ativa, proposta por Ferenczi, e sobre a educação emocional corretiva,

proposta por Alexander, que inspiraram as chamadas psicoterapias breves. Finalmente debruçam-se sobre a experiência, iniciada em 2003, através de Centros Psicanalíticos de Consulta e Tratamento (CPCTs), de oferecer à população tratamento gratuito com tempo limitado, funcionando também como lugar de formação e pesquisa. As autoras consideram que esta experiência pode contribuir para a discussão sobre a prática terapêutica de orientação psicanalítica oferecida nas clínicas universitárias.

Douglas Nunes de Abreu, na seção clínica, inaugura a série de artigos que neste número se interrogam sobre as defesas psíquicas, o diagnóstico ou as perturbações no laço social. Este artigo visa demarcar dois eixos que podem orientar uma abordagem psicanalítica sobre o aumento da violência na atualidade: um que diz respeito às configurações do laço social contemporâneo, evidenciando que o pathos intrínseco ao aumento da violência nas cidades decorre do declínio da função paterna e da ascensão do discurso capitalista; e outro, um pathos que concerne ao modo singular com que o real traumático da violência – fruto do desamparo original, da presença real da dissimetria entre os sexos e da inadequação da palavra – engendra em cada corpo, exigindo e constituindo modalidades específicas de defesas. Para tal, recortamos duas modalidades de violência que afetam constantemente crianças e adolescentes hoje – o *bullying* e o abuso sexual, demonstrando, a partir de pequenos fragmentos de caso, que a violência no contexto dessa nova discursividade, comporta um real irreduzível a cada caso, que deve ser balizado por índices diagnósticos.

Maria Josefina Medeiros dos Santos busca defender a hipótese de que muitos casos atribuídos a indivíduos psicopatas podem ser casos em que psicóticos fazem uso de arranjos estabilizadores com matizes perversos. Para tanto, recorre ao texto do psicanalista francês Jean-Claude Maleval, intitulado “Suplência perversa em um sujeito psicótico”. A partir do esmiuçamento desse trabalho e do caso clínico que ele apresenta, a autora coleta subsídios teóricos que demonstram como em algumas psicoses pode-se observar certa conivência com atos sadomasoquistas extremos, o que, não raro, leva a diagnósticos equivocados, como o de psicopatia.

Angélica Cantarella Tironi propõe-se a investigar a hipótese de uma psicose ordinária no caso freudiano do Homem dos Lobos. O relato de Freud mostra alguns índices que possibilitam tomar Sergei Pankejeff como um caso paradigmático, pois no período em que ele o atendia não se verificava a presença de alucinações típicas ou transtornos de linguagem tão comuns em casos de psicoses desencadeadas. Apesar de ser possível localizar alguns elementos que indicam ao menos uma fenomenologia psicótica na época em que ele se analisava com Freud – a posição fixa do olhar dos Lobos e a alucinação do dedo cortado, por exemplo –, ainda hoje o Homem dos Lobos suscita discussões no campo da psicanálise sobre o diagnóstico diferencial entre neurose e psicose.

Andre Oliveira Costa demonstra que a teoria da defesa que Sigmund Freud propõe no início de suas pesquisas possibilitou a consideração da sexualidade como causa das psiconeuroses. Este tópico é importante para afastá-la das leituras que consideram a psicanálise como uma teoria culturalista, isto é, uma teoria que determina os processos psíquicos prevalentemente a partir de fatores sociais e culturais.

Percorrendo os artigos pré-psicanalíticos, mostra como Freud se separa dos seus mestres e também como expande a noção de sexualidade para as excitações de outras zonas corporais, ideia que vem a ser desenvolvida na caracterização da sexualidade das crianças como perverso-polimorfa. Reassegurando assim a orientação que prevalece em nosso campo. Embora seja preciso levar em conta a subjetividade de nossa época, o real em jogo na psicanálise não pode renunciar a alguma coisa que permanece invariante.

A equipe de aSEPHallus agradece a todos os colaboradores e deseja aos seus leitores que apreciem este novo número.